

LITERATURA FANTÁSTICA, HISTÓRIA E ENSINO: ASSOMBRAÇÕES PERNAMBUCANAS NA SALA DE AULA

Ivson Bruno da Silva¹

RESUMO: Este projeto propõe uma intervenção escolar a partir das obras *Assombrações do Recife velho*, de Gilberto Freyre, e *O Cara de Fogo*, de Jayme Griz. Os condicionantes teóricos propostos por Antonio Candido, Tzevan Todorov e Walter Benjamin foram utilizados para definir o fantástico, a alegoria e os vínculos da literatura com a sociedade. Atento à *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, às *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* e aos *Parâmetros Curriculares Nacionais* foi adotada para sua execução uma abordagem interdisciplinar e intertextual, na qual a apreciação do texto ficcional manteve diálogo com o contexto social. Os resultados esperados a partir das ações desenvolvidas no projeto sinalizam para a importância da literatura como via para edificar a subjetividade do homem e ampliar sua visão de mundo, perspectiva na qual se inclui o fantástico como gênero, quando compreendido em consórcio com a história.

PALAVRAS-CHAVE: Intertextualidade; Sequência didática; Gilberto Freyre; Jayme Griz;

RESUMEN: Este proyecto propone una intervención escolar a partir de las obras *Assombrações do Recife velho*, de Gilberto Freyre, y *O Cara de Fogo*, de Jayme Griz. Los condicionantes teóricos propuestos por Antonio Candido, Tzevan Todorov y Walter Benjamin fueron utilizados para definir el fantástico, la alegoría y los vínculos de la literatura con la sociedad. Atento a la *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, las *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* y a los *Parâmetros Curriculares Nacionais* fue adoptada para su ejecución un abordaje interdisciplinar e intertextual, en la cual la apreciación del texto ficcional mantuvo diálogo con el contexto social. Los resultados esperados a partir de las acciones desarrolladas en el proyecto señalizan la importancia de la literatura como vía para edificar la subjetividad del hombre y ampliar su visión de mundo, perspectiva en la cual se incluye el fantástico como género, cuando comprendido en consorcio con la historia.

PALABRAS-CLAVE: Intertextualidad; Secuencia didáctica; Gilberto Freyre; Jayme Griz.

1. Introdução

O ensino do que se denomina ‘literário’ é uma prática antiga. Na Antiguidade as obras de Ovídio, Virgílio, Homero e Cícero eram declamadas com o propósito de expor a relação entre escrita e oralidade, atreladas à retórica e à oratória. Ao longo do tempo, o papel desempenhado pela literatura sofreu mudanças de ordem política, pedagógica e social, alcançando a contemporaneidade com novos desafios com vistas à formação de um público leitor. As dificuldades para alcançar este objetivo se mostram ainda mais expressivas no ambiente escolar, onde o professor busca estratégias que viabilizem o interesse e a formação crítica dos alunos para a leitura.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Letras / Português-Espanhol, na Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq).

Marisa Lajolo cita que esse desinteresse é decorrente de práticas pedagógicas ultrapassadas, que não mobilizam os alunos, resultando em uma visão de literatura de difícil entendimento e cansativa. Ela assevera que um ponto de partida para mudar essa relação entre obra e leitor seria os professores concentrarem suas ações em métodos de ensino que não estraguem o “universo fabuloso” do literário. Isso ocorre por o professor se ater apenas ao material de referência utilizado pela escola, quando o contato dos alunos com as obras restringe-se à análise de fragmentos ou como pretexto para a aprendizagem da gramática da língua portuguesa ou de produção textual (LAJOLO, 1993, p. 12-15).

Em sentido diverso, é sabido que o texto literário deve ser reconhecido como uma possibilidade de conhecimento da realidade e do que ela revela, vinculando a sua função e integração com o contexto social, com a especificidade da linguagem, além da relação com múltiplos saberes e possibilidades interpretativas. Como afirma Antonio Candido em *Direitos humanos e literatura*, o texto deve ser o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais: o exercício da reflexão, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nas intempéries da vida, o senso da beleza e a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivando o humor (CANDIDO, 2011, p. 182)

Com vistas a refletir sobre o ensino e leitura do texto literário, este projeto de intervenção se centra no diálogo entre literatura e história, condicionando essa intercessão de estatutos a partir da perspectiva de que o objeto literário agrega sua materialidade textual a determinados contextos e elementos históricos. Julgamos que a integração de distintas áreas do conhecimento na prática pedagógica possibilita interligar saberes que dialogam temática e formalmente, a exemplo dos relatos de assombração a serem lidos pelos alunos, nos quais os acontecimentos sobrenaturais permitem resgatar os componentes imaginativos e contextuais que deram foro ao texto.

A realização dos objetivos acima pretendidos derivará dos livros *Assombrações do Recife velho*, de Gilberto Freyre, e *O cara de fogo*, de Jayme Griz. Aquele, transfigura em suas histórias os fantasmas e visagens urbanos da cidade de Recife; e, este, retoma os mitos e o folclore da Zona da Mata pernambucana como motivos temáticos. Municiado de estratégias de ensino e deste *corpus* literário, cremos relevante fazer com que os alunos aliem o saber com o prazer da leitura, desta feita promovendo a intertextualidade como recurso pedagógico. E, não menos importante, com este projeto faz-se uma releitura de narrativas pouco conhecidas e analisadas de dois escritores que demarcaram a cultura do estado de Pernambuco no século XX.

2. Justificativa

Um dos caminhos para justificar a importância deste projeto alude à relação entre Literatura e História. Absorvida ao longo do tempo sob um prisma limitador, no qual a sua apreensão se pautava pela análise de biografias, estilos de época e escolas, a literatura na contemporaneidade ganhou outros vislumbres. Um deles remete à compreensão de que os relatos literários e históricos correspondem a narrativas de um real que se renova no tempo e no espaço. Dotados de um lastro originário que os unifica – ambos são amparados pela linguagem –, essas expressões carregam um mundo visto e não visto, através da oralidade, da escrita, da imagem ou da música. (PESAVENTO, 2006)

Essa noção de autonomia e, ao mesmo tempo, de complementariedade estabelece um viés na forma de esses estatutos serem percebidos, sob um denominador comum que os une, embora cada deles com suas especificidades: a possibilidade de transfiguração do

mundo. Tal questão diz respeito às nuances portadas pelo texto literário, passíveis de análise sob um ponto de vista pragmático, centrado na realidade que lhe deu forma, ou acolhendo os enfoques estéticos permitidos pelo sobrenatural, como suscitado na leitura do fantástico. Encontramos essa prerrogativa nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*:

a Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural (BRASIL, 1998, p. 16)

A convergência dos componentes estético e histórico encontram na literatura fantástica um espaço privilegiado para refletir sobre leitura, sociedade e história. Como lembra Jacqueline Held, no livro *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*, o texto se apresenta como uma fonte inesgotável de maravilhamento e reflexão pessoal, desencadeando o espírito crítico do leitor, quando toda descoberta é uma beleza e torna exigente a forma de perceber o mundo, quebrando clichês e fertilizando o imaginário. (HELD, 1980, p. 234). Diante de uma narrativa do gênero fantástico, o aluno faz uso do lado mágico intrínseco ao ato de ler, deparando-se com imagens de um mundo que escapa à razão: o universo sobre-humano.

Estas breves reflexões levam-nos a entender o relevo de uma atividade pedagógica intertextual por potencializar a criatividade e a imaginação dos discentes, levando-os a desenvolver a disposição para a leitura literária. Os ganhos acadêmicos e pessoais dessa iniciativa se materializam de várias formas, uma vez que literatura e história fazem uma peculiar leitura da realidade. Por envolver o imaginário e a memória, ambas restituem valor a um conjunto de imagens simbólicas de cada época e da cultura das sociedades. Essas digressões se concretizam nas obras de Gilberto Freyre e Jayme Griz, cujos contos são constituídos por traços de um imaginário coletivo banhado pelo mistério do universo histórico-social do Recife e da Zona da Mata pernambucana.

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Propiciar a leitura de narrativas das obras *Assombrações do Recife velho*, de Gilberto Freyre, e *O cara de fogo*, de Jayme Griz, estabelecendo um diálogo entre Literatura e História.

3.2 Objetivos específicos

- Analisar os elementos fantásticos nos relatos de Gilberto Freyre e Jayme Griz;
- Investigar os componentes histórico-sociais presentes nas obras;
- Fazer uma análise comparativa entre *Assombrações do Recife velho* e *O cara de fogo*.

4. Fundamentação teórica

Ítalo Calvino, no livro *Contos fantásticos do século XIX*, lembra que foi entre os séculos XVIII e XIX que esse gênero se originou e tomou forma, derivado do romantismo

alemão e do romance gótico inglês, a partir dos quais ele percorreu uma variedade de formas, estruturas e temáticas. Como marca que singulariza grande parte dessas narrativas, sobre elas perpassa uma espécie de dialética, nas quais a relação entre imaginação e razão se confrontam. O autor italiano lembra que nos Oitocentos a ideia do fantástico acomodava sua existência formal em modelos que exigiam a incerteza e a hesitação como pressuposto definidor do seu caráter estético.

O endosso a essa leitura do gênero ganhou ascendência com os estudos de Tzevan Todorov, cuja visão de mundo sobre o assunto foi consolidada no livro *Introdução à literatura fantástica*. Para o crítico, um dos componentes que caracterizam o fantástico é designado pela presença de um ser, acontecimento sobrenatural ou insólito, configurados dentro de uma concepção na qual a relação entre o real e o imaginário torna-se ambígua para o personagem e, eventualmente, para o leitor. O cerne do fantástico se encontraria na incerteza provocada diante da veracidade do fato narrado, definindo-se pela relação entre o que é possível e impossível aos olhos da razão. Essa vacilação leva o personagem a questionar se o que se observa provém ou não da realidade: a resposta a esse dilema, se é um fato sobrenatural ou explicado racionalmente, sugere que se está diante de gêneros vizinhos ao fantástico: o estranho e o maravilhoso. (TODOROV, 1975, p. 15-22)

A percepção do fantástico ganha outro vislumbre quando contextualizado nos campos histórico e social. Ainda que encontremos a oposição de Todorov à poesia e à alegoria como suportes interpretativos, sugerimos que a sua vinculação a essa figura de linguagem não enfraquece a hesitação ou vacilação. Esse registro ganha sentido ao nos afastarmos dos conceitos assumidos pela alegoria na Antiguidade, e acolhermos as definições contemporâneas para o termo, revistas por Walter Benjamin, no livro *Origem do drama trágico alemão*. No seu enfoque, a alegoria passa a oferecer um significativo aporte para compreender a realidade, possibilitando repensar a concretude histórica em diferentes eixos da vida social. Esta é uma leitura que convida a um mergulho em difusas imagens do passado, cuja marcas repercutem em um presente imerso em contradições, passível de ser redescoberto pelo olhar do crítico na atualidade. (BENJAMIN, 2004).

Com o conceito de alegoria proposto por Walter Benjamin, a partir do qual torna-se possível fazer uma revisão da história a contrapelo, a literatura fantástica acolhe outras possibilidades interpretativas. O contexto e a realidade são resgatados como instrumentais analíticos, sem prejuízo para a ocorrência do efeito proposto por Todorov, dependente da hesitação ou da vacilação para sua concretização. Sob essa abordagem, a conotação social implicada na leitura do fantástico ganha importância em nossa proposta por endossar o que propõe Antonio Candido ao definir sua percepção sobre crítica literária. Ele pondera que o texto ficcional se encontra sempre atrelado ao campo social do qual emergiu, e, na medida em que a fatura textual autorizar, o crítico pode e deve requisitar o contexto e os elementos da exterioridade para iluminar a leitura da obra.

Como pode ser notado, ao integrar nessas reflexões história, literatura fantástica e alegoria este projeto se insere no universo da intertextualidade, cujos pressupostos anteveem um produtivo diálogo entre distintas áreas do conhecimento. Ultrapassando a ideia de uma junção aleatória de disciplinas, cabe pensar essa interação como uma relação que agrega aspectos culturais intra e extratextuais, mostrando correlações e dissonâncias entre as matérias estudadas. A alusão ao conceito e o que nele coexiste de interdisciplinar, se conecta com o que foi preconizado pelos documentos oficiais definidores do ensino no Brasil, cujo debate foi iniciado com a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Com ela a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento e a arte, sob um pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, passou a ser valorizada.

Porém, foi com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* que a intertextualidade ganhou protagonismo e se consolidou como uma via produtiva para o ensino no país. Esse documento passou a considerar que todo conhecimento mantém um diálogo constante com outros conhecimentos, uma relação de distintos saberes que estão interligados, e que podem ser vinculados por complementação, negação, confirmação ou ampliação dos estudos. Em um sentido lato, esses dois marcos legais inseriram a interdisciplinaridade como um projeto de integração de disciplinas pretendendo promover a compreensão dos diversos fatores que intervêm sobre diferentes contextos sociais. Sob essa abordagem, o acesso às múltiplas formas de linguagens comparece como um caminho necessário para a constituição e construção de conhecimentos. (BRASIL, 1998, p. 75-76).

Atuando em consonância com esses propósitos, as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* foram além do previsto quanto à abrangência da prática intertextual, lembrando que o ato de relacionar distintas áreas do conhecimento é responsabilidade da escola e, principalmente, do professor. Concebendo a eficácia dessa prática como uma ação a ser institucionalizada de forma ampla no ambiente escolar, torna-se imperativo compreender a formação teórica e pedagógica do docente sob parâmetros inéditos, exigindo que se estabeleça um ensino que encontre novos sentidos a partir dos seus vínculos com a realidade. (BRASIL, 2006, p. 45). Em suma, apesar de esses pressupostos legais terem demarcado a intertextualidade como uma via para o desenvolvimento de práticas de ensino produtivas em sala de aula, sua efetividade ainda se mostra incipiente, principalmente, se pensarmos nas convergências mantidas entre a Literatura e a História.

Se a adesão às múltiplas interações entre disciplinas ainda se mostra precária nas escolas brasileiras, são vários os motivos para que os alunos tenham se afastado cada vez mais da leitura do texto literário, interesse deste projeto de intervenção. Segundo Rildo Cosson, em *Letramento literário: teoria e prática*, o ensino da literatura ainda se limita à historiografia, concentrando-se em estilos de épocas, cânones e dados biobibliográficos dos escritores, seguidos de informações teóricas sobre os gêneros. Com esse modelo tradicional, o professor não contempla a arte literária plenamente, como uma experiência a ser realizada, e ela se torna apenas mais um conhecimento a ser reelaborado. Desse modo, o ensino da literatura segue na contramão de perspectivas didáticas que a percebe como uma ampliação da vida, algo que diz o que somos e que nos incentiva a expressar um mundo a partir de nós mesmo. (COSSON, 2007, p. 17, 20).

A brevidade das reflexões desta fundamentação, na qual são mencionados o componente estético da literatura fantástica, o matiz ético inerente à alegoria e à história, além de uma prática pedagógica alicerçada na intertextualidade, encontra a formação leitora dos alunos como motivação principal. Ao envolver-se no processo de leitura ele acessa outros mundos e outras dimensões da existência, passando a se sentir partícipe e agente de uma comunidade, incorporando à sua experiência o que foi oferecido pelo texto como uma visão, compreendida ou não, da sua própria realidade. Como lembra Tzvetan Todorov, em *A literatura em perigo*, “sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.” (TODOROV, 2009, p. 92-93).

5. Metodologia

Este projeto encontra seus fundamentos teóricos na apropriação dos conceitos sobre o fantástico, os elementos da narrativa, além da nominada alegoria benjaminiana, que requisita o contexto social como via para analisar os vínculos entre arte e sociedade.

O *corpus* escolhido é constituído dos relatos ‘Assombração no rio’, ‘O barão perseguido pelo diabo’ e ‘A velha branca e o bode vermelho’, do livro *Assombração do Recife velho*, de Gilberto Freyre, e ‘O fantasma negro do bueiro da usina Cucaú’ e ‘Os caítus das matas do engenho Gigante’, do livro *O cara de fogo*, de Jayme Griz. O projeto será realizado ao longo de nove encontros, mediados por professores de Literatura e História, ambos intercalando estratégias de ensino voltadas, preferencialmente, a alunos do terceiro ano do Ensino Médio.

De forma programática, as aulas serão ministradas por meio de estratégias que venham a facilitar a compreensão de cada um dos conteúdos propostos. Permeando todos os momentos do projeto adotamos a abordagem expositivo-dialogada, que permite a exposição do conteúdo, juntamente com a participação dos alunos, cujos conhecimentos prévios são considerados e podem ser utilizados como norteadores para a interlocução entre os participantes (ANASTASIOU; ALVES, 2004, p. 79). Outra modalidade utilizada são os grupos de discussão, com a qual os participantes são direcionados para a prática de investigação coletiva sobre os textos. E, complementando essas estratégias, requisita-se a roda de conversa, por meio da qual as ideias vão tomando forma, tornando-se mais precisas, de modo que as problematizações estabelecidas, por diferentes pontos de vista, agucem o espírito crítico dos alunos, estimulando a revisão de opiniões maniqueístas e relativizando posicionamentos estanques. (GARRIDO, 2002, p. 45)

Como síntese que unifica o delineamento destas estratégias de ensino, ressoa a força da expressão de todos os participantes nas aulas, momento em que a exposição, o diálogo e a reflexão devem se sobrepôr à visão unitária e dicotômica de mundo. Nesse processo de construção coletiva de leitura e conhecimento, a atuação do professor é muito importante: como mediador, ele cria pontes que favorecem a busca pelas ressignificações do texto literário e de tudo que ele questiona da realidade. O percurso a ser cumprido na leitura e interpretação dos textos se encontra na sequência didática abaixo, constituída de nove módulos.

5.1 Sequência Didática

Módulo 1

Neste módulo inicial os professores de Literatura e História apresentarão o Projeto de Intervenção *Literatura fantástica, história e ensino: assombrações pernambucanas na sala de aula*. Nessa oportunidade, eles informarão os objetivos, as metodologias a serem empregadas e, principalmente, os componentes histórico-estéticos dos relatos a serem lidos. Após situar os alunos a respeito do projeto, será pedido que eles verbalizem se já ouviram ou têm conhecimento de alguma história de assombração e, se sim, que a contem para a turma. Para concluir esse primeiro momento, os docentes remeterão brevemente às leituras que ocorrerão nas próximas aulas, na expectativa de que seja compreendido a sua importância e a interdisciplinaridade que envolve as atividades a serem desenvolvidas na sala de aula.

Módulo 2

Remetendo à discussão sobre as percepções do texto fantástico, neste módulo o professor de literatura estimulará os alunos a discorrerem sobre suas impressões acerca do conto *Assombração no rio*. Utilizando-se da estratégia de ensino expositivo-dialogada, após a leitura do relato freyriano, os primeiros vinte minutos da aula serão para refletir

sobre os elementos narrativos e os fatos tematizados no texto. O restante da aula se concentrará na exposição dos traços conceituais da narrativa fantástica, suas origens e representações na literatura, além de informar aspectos bio-bibliográfico de Gilberto Freyre. Findando esse módulo, espera-se que o aluno tenha se apropriado dos conceitos sobre literatura fantástica e suas formas de expressão.

Módulo 3

Após o professor de literatura estabelecer uma aproximação entre o texto literário e as definições sobre o fantástico, neste módulo as intervenções serão feitas pelo professor de História, que utilizará o mesmo texto trabalhado na aula anterior, desta feita destacando os elementos históricos do relato. Com a abordagem expositivo-dialogada como estratégia de ensino, será resgatado o contexto social que permeia o texto, a exemplo da história do rio Capibaribe, a presença do negro em Pernambuco e a relação entre escravidão e religião. Com essa nova leitura do relato *Assombrações no rio*, espera-se que os alunos consigam estabelecer conexões entre os personagens e fatos narrados com a realidade histórica do Recife, ampliando a percepção do literário para além do componente estético que lhe é intrínseco.

Módulo 4

Neste módulo o professor de literatura utilizará três contos de Jayme Griz: *O fantasma negro do bueiro da usina Cucaú*, *O barão perseguido pelo diabo* e *A velha branca e o bode vermelho*. Adotando a estratégia de discussão em grupo, os alunos serão divididos, farão a leitura e discussão de cada um dos contos para, em seguida, serem socializadas suas percepções sobre o relato. O professor deverá mediar essa exposição demarcando os traços do gênero fantástico e destacando as distinções de ordem espacial e temática mantidas em relação ao relato de Gilberto Freyre analisado anteriormente. A aula será concluída com informações bio-bibliográficas sobre Jayme Griz. O objetivo dessa atividade visa a proporcionar aos alunos diferentes visões sobre o texto fantástico, esperando que eles absorvam as múltiplas possibilidades interpretativas que permeiam a representação do sobrenatural na literatura.

Módulo 5

Análogo ao que foi realizado no Módulo 2, este se concentrará nas atividades norteadas pelo professor de História. Separando os alunos nos mesmos grupos da aula de Literatura, ele sugerirá que cada grupo busque localizar nos contos *O fantasma negro do bueiro da usina Cucaú*, *O barão perseguido pelo diabo* e *A velha branca e o bode vermelho*, de Jayme Griz, possíveis registros históricos. O professor deverá mediar a exposição do que foi observado pelos alunos em suas leituras pedindo que eles evidenciem os elementos encontrados, ocasião para aprofundarem o que foi identificado com debates em sala de aula e novas pesquisas extra classe. Ao adotar a discussão em grupo como estratégia de ensino, o objetivo deste módulo é incentivar os alunos a reconhecer os componentes sociais e históricos do texto literário, esperando que eles possam demarcar as estruturas narrativas que vinculam história e literatura.

Módulo 6

Continuando as leituras sobre o gênero fantástico, neste módulo o professor de literatura pedirá aos alunos que leiam o conto *Os caititus das matas do engenho Gigante*, de Jayme Griz. Utilizando-se da roda de conversa como estratégia de ensino, os discentes deverão expor suas impressões sobre como narrador, personagens, tempo, espaço, ação e enredo concorrem para que os acontecimentos presentes no relato levem à emergência do sobrenatural. Com intervenções e abordagens do professor como mediador, objetiva-se que seja viabilizada a análise temática do texto fantástico em liame com as estruturas intratextuais que o cerca. Desse modo, espera-se que os alunos explorem livremente o texto literário pelo que é suscitado em sua tessitura narrativa e considerem os elementos formais e estruturais que o constitui.

Módulo 7

Após o componente estético ter sido ponderado numa aproximação entre o texto literário e seus elementos narrativos no Módulo 6, neste, as intervenções serão realizadas pelo professor de História, adotando o conto analisado na aula anterior, *Os caititus das matas do engenho Gigante*, de Jayme Griz. Tendo a roda de conversa como estratégia de ensino, deverá ser resgatado o contexto histórico e social que permeia o relato, a exemplo das antigas práticas de caça existentes nos engenhos do interior, o processo de transformação dos engenhos em usinas e o regime de trabalho na zona da mata pernambucana. Com a releitura do conto espera-se que os alunos identifiquem os vínculos entre os critérios literários próprios do gênero fantástico e a realidade histórica, compreendendo o diálogo existente entre os elementos intra e extra-textuais.

Módulo 8

Em aula a ser ministrada em conjunto pelos professores de História e Literatura, neste módulo serão recuperadas as discussões sobre os contos analisados, especificamente, sobre as configurações estéticas assumidas pelo fantástico, o contexto sócio-histórico e a visão interdisciplinar que permeou todas as leituras. Ato contínuo, será solicitado aos alunos que, em duplas, elaborem um conto no qual compareçam elementos típicos do gênero fantástico, sempre em diálogo com a história e a sociedade. O objetivo buscado com essa atividade é promover uma produção textual para potencializar a criatividade e valorizar a imaginação dos alunos, destacando a importância da interdisciplinaridade para o letramento literário.

Módulo 9

A finalização e culminância do projeto obedecerá a três momentos: primeiro, em conjunto com os professores de História e Literatura, os alunos farão uma leitura pública dos contos produzidos. Em seguida, será elaborado um quadro com as histórias fantásticas criadas, a ser exposto nos corredores da escola para leitura de todos. E, finalmente, os textos serão publicados em uma página na internet criada pela turma, para que haja ampla divulgação dos trabalhos autorais realizados. Estes três movimentos asseguram os objetivos buscados no projeto: fomentar a leitura, informar sobre o gênero fantástico e os seus vínculos com o contexto histórico, explorar a criatividade dos alunos e divulgar suas produções literárias para a comunidade.

6. Resultados esperados

A leitura como um caminho para a formação cidadã é uma estratégia indispensável na escola e na vida, ainda que haja resistência por parte dos alunos para levar a cabo esse hábito. Essa situação é resultado de diversos fatores, entre os quais a atuação dos docentes surge como uma das mais significativas: é com ele que esse ato surge com encantamento, sob novas metodologias e como uma via para o autoconhecimento. É considerando a importância dessa prática que este projeto se alça como uma possibilidade de intervenção, uma via para que o diálogo entre história e literatura viabilize o prazer que o texto suscita, tendo em mente o poder da arte literária como um veículo que desencadeia no homem uma de suas cotas de humanidade. Como assevera Antonio Candido, na medida em que ela aborda assuntos afetos à complexidade humana, também contempla as bases culturais e os valores de mundo do leitor.

Sendo um projeto que traz à baila uma relação afetiva e comprometida entre o texto literário e seus leitores, os resultados que se pretendem alcançar encontram dois enfoques. O primeiro, pragmático, busca incentivar a leitura crítica de textos literários pelos alunos, ambicionando que eles assimilem uma capacidade de letramento literário que ultrapasse a esfera escolar, chegando ao cotidiano e à vida. E, segundo, que as dimensões e realidades exploradas com o texto ficcional consigam desenvolver novas formas de eles se perceberem no mundo, como decorrência de um processo no qual devem se voltar para apreciar outras maneiras de construir valores e princípios de mundo e refletir sobre suas subjetividades.

Feitas essas conjecturas, cremos que faz sentido resgatar a obra *Assombrações do Recife velho*, de Gilberto Freyre, com o que ela porta de ético e de estético, cuja estrutura fronteira acentua a presença do fantástico e da história, reveladora de testemunhos e experiências vivenciados pelos recifenses. E, não menos importante, o livro *O Cara de Fogo*, de Jayme Griz, se projeta como um renovado olhar sobre a cultura pernambucana. Nele, a tradição oral, o mito e o folclore se fazem presentes em relatos onde o universo das crendices, mistérios e abusões dos engenhos da Zona da Mata de Pernambuco voltam do passado para recontar uma singular versão da realidade.

Referências

- ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de ensinagem. In: **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville: Univille, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs)**. Brasília: MEC, 1996.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC; SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o ensino médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC; SEB, 2006.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- CALVINO, I. (Org.). **Contos fantásticos do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CANDIDO, A. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2007.

- FREYRE, G. **Assombrações do Recife velho**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- GARRIDO, E. Sala de aula: Espaço de construção do conhecimento para o aluno e de pesquisa e desenvolvimento profissional para o professor. In: CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. P. (Org.). **Ensinar a ensinar**: Didática para a escola fundamental e médio. São Paulo: Pioneira, 2002.
- GRIZ, J. **O Cara de fogo**. Museu do Açúcar: Recife, 1969.
- HELD, J. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- PESAVENTO, S. J. História & literatura: uma **velha-nova** história. In: *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560>>. Acesso em: 18 out. 2017.
- TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- _____. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.